

# A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. —  
Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 48. — SABBADO, 29 DE NOVEMBRO DE 1856.

PROVINCIAIS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100 rs.  
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

## SUMMARY.

Manuscriptos ineditos (continuação) — O Castigo do Senhor (continuação) — Sessão solenne da Academia das Sciencias — Oliveiro Cromwell (continuação) — A cidade baixa — Apontamentos biographicos — Cintra — Esperanças, poesia — Alda — O sapateiro d'essada (continuação) — Accorde — Estatistica dos suicidios — Grande fonte em Sans-Souci — Chronica Semanal.  
GRAVURAS — José Corrêa da Serra — Cintra — Dieppe — Calais — Grande fonte em Sans-Souci.

## MANUSCRIPTOS INEDITOS.

Sumario das armadas q. se fizeram e guerras q. se deram na conquista do Rio parahiba scritto e feito por mandado do m.<sup>to</sup> R. padre em Xpô o p. e Xpt. do de Gouvea visador da Companhia de Jesu de toda a provincia do Brasil.

Continuação.

Dos ciumes q. emcabo huns dos outros tem por sepeito dos quaes dam mui facil credito á qualquer sospeita e leve indicio procederã e procedem sempre todas as divisões, guerras, e differenças q. todo este gentio do brazil entresy tem E por aqui lhe urdem os portuguezes muitas briguas com q. se desavem humas nações com as outras com o qual ardil os entramos e desbaratamos q. todos juntos nunca ninguem pudera com elles nem os domara: este ardil nos non val com os petiguares que sendo o maior e maes guerreiro gentio do brazil q. ocupam do parahiba ate ó Maranhã q. sam seiscentas legoas e tam unidos e conformes está huns com os outros q. de industria assentarã entresy entregaremse ha a nos os dilynquentes huns aos outros e castigaremnos sem brigagem nem se desavirem nunca por isso. E assy o dizem sempre nas pulhas aos brancos quãdo nas guerras vem á fala.

Outra cousa maravilhosa tocarei aqui do gentio do Brazil ja q. me alarguey tanto fora do prim.<sup>o</sup> intento como elles todos são muito ciosos sam tambem muito amigos das mulheres e mui brandos p.<sup>a</sup> ellas e gente q. por seus respetos servem e obedecem aos sogros como a pais mas quãdo ellas parem os maridos se fingem doentes e se deitam de mimosos nas redes e ahí sam nellas servidos dous ou tres dias e visitados E ellas em parindo se vam lavar com as crianças á fonte.

Tem maes outra propriedade nã pola herdarem do stado da innocencia, q. nellas está tam corrupta e danada, q. contra toda a ordem de natureza por mera sensualidade ninbuma cobertura ate en suas vergonhas cousa q. parece os proprios animaes brutos estranhão. Sam menos cobicosos sendo en es-

tremo mais apetitosos q. todas as outras nações do mundo E por isso tudo o q. vem nos brancos desejam, speram e querem q. lhe dem e en lho dando o dam logo aos outros, e con qualquer cascavel lhe dam ham ó vestido porq. dantes morriã.

He gente q. se tem vagar come como brutos E nisto e em suas sugidades ou desonestidades entendem somente como nã andam em guerras, porq. se dam pouco ao trabalho E naturalmente sam folgazões, como o sã todas as outras nações fora da nossa Europa.

Ajuda muito a iso a fertilidade da tera em produzir este mâtimento q. chamã madioca q. he o pam detodo ó brazil e peru porq. cada pesoa cõ a planta de hum so dia fas mâtimento q. lhe abasta todo ó anno mas variam as folhas por nã cãsarem a terra E con serem tam comilões temse maes á fome q. todas as nações do mundo q. andarã dous dias inteiros sem comer nem beber.

Sam mui afeiçãoados e naturalmente amigos de quem o he seu, mas mui varios e mudaveis em estremo e por

poucas cousas arõbã e perdem tudo e se alevã E assim em nada tem constancia nem firmeza Sam muito falsos inclinados a enganos e aleives e he tam proprio e natural isto do clima e terra do brazil q. logo se pega e tem ja pegado á quasi todos os brãcos naturaes do Brazil, antes a todos que a roim semente q. lhe a principio lançaram do limocero de Lx.<sup>a</sup> e das outras cadeas do reyno peiorou maes esta natureza roim E assim se deve fazer pouco fundamento dos ditos do brazil como non forem de pesoas muy calificadas na virtude---

Tornando pois ás varzeas q. dizia ser á melhor terra porq. n'ella ha maes sellam q. asim chamã á terra forte e boa e na q. he tal dura á soca ou planta da cana trinta e quorenta ãnos sem cansar nem se replantar q. he muito sustentaremse estas varzeas, com se alagarem todos os ãnos, porq. ao longo do mar he tera baixa e muito retalhada de Ryos e esteyros. Toda a terra do Brazil nã tem maes q. soo dous ate tres palmos de boa terra como o nateiro por cima q. logo daly p.<sup>a</sup> baixo he roim terra darea e solta sem prestar p.<sup>a</sup> nada. E por esta causa todas as arvores no brazil tem as raizes á frol da terra E con qualquer vento se arrancã e se ve q. nã tem as raizes lancadas p.<sup>a</sup> baixo, con isto e con não aver na propria lingua dos brazis tres letras principaes e da maior significação q. temos he a saber. f. l. R. cuja falta nos mostra faltaremhe a elles tres fundamentos em q. o genero humano se sustenta e norte perq. se governa q. sam, fé, ley, e Rey, nos quiz ó autor da natureza avisar á nam fazeremos fundamento de cousa alguma do brazil porq. realmente destas tres cousas entre o gentio e nã sey se me estenda aos brancos carece mais o brazil q. de todas. Porq. nada adorã nem tem Reys nem Califas, como as outras nações senã aqueles á q. chamã cabeças p.<sup>a</sup> suas guerras E fora dellas nas aldeas onde vivem dam pouco por elles nem os estimão, nan guardam fee nem entre sy nem com os brancos nem verdade maes q. enquãto se lhes antolha.

Sam mui dados a feitiços E o feiteciro q. ha en cada aldeia he o seu oraculo tem muita comunicaçam com o demonio e ácoteselhes com elle muitas cousas muy graciosas e ás veses espantosas. Mas tornandose ao ponto donde me diverti por dar hua breve relação de cousas q. nos livros q. falam no brazil nam achei scritas. Tem as varzeas q. se estendem ao longo daqueles grãdes rios q. vam de pernambuco pera o parahiba que todos se vadeam de duas ate sete e maes legoas, mostra bem clara e certeza asás evidente de serem muito rendozas, a quem as aproveitar como sam as do caudaloso Garamame e as dos rios Copesuras e Abiaí, Guajana, Capibari-bi, q. chegã te as serras de Copaoba.

Continua.



José Corrêa da Serra





APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS.

JOSÉ CORRÊA DA SERRA.

Em Serpa, villa da provincia do Alemtejo, no dia 6 de junho de 1750, nasceu José Francisco Corrêa da Serra, clérigo do habito de S. Pedro, do conselho de sua magestade, fidalgo cavalleiro de sua real casa, conselheiro da legação, e agente diplomatico em Londres, ministro plenipotenciario junto ao governo dos Estados-Unidos, cavalleiro da ordem de Christo, commendador da de Nossa Senhora da Conceição, conselheiro da fazenda, deputado ás côrtes de 1823, socio da real sociedade de Londres, das academias de Turim, Florença, Bordeaux, Lyon, Marselha, Liege, Sena, Mantua, e Cortona, das sociedades reaes de agricultura do Piemonte, da Toscana, e d'Inglaterra, da dos antiquarios de Londres, e da real e economica de Valença.

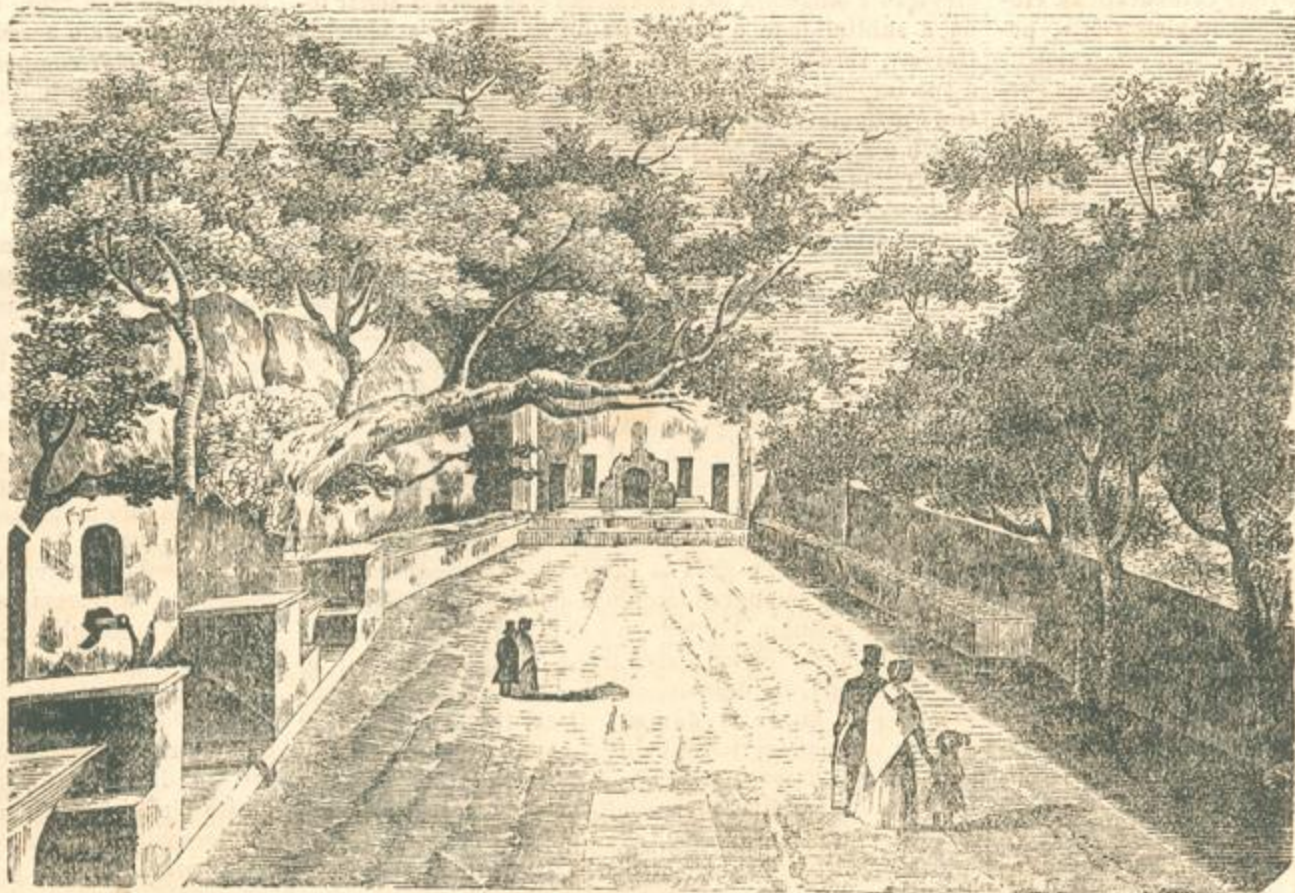
Foram seus paes, o bacharel formado em medicina pela universidade de Coimbra, Luiz Dias Corrêa, e D. Francisca Luiza da Serra.

Na mais tenra idade, mostrou José Corrêa da Serra tanto engenho que seus paes resolveram dar-lhe uma educação litteraria esmerada.

Em 1756, partiu para Roma, em companhia de seu pae, e de toda a sua familia, e ahí começou Corrêa da Serra os estudos, sendo tão rapidos os progressos que nos mesmos fez, que publicou a sua primeira obra, consagrada a S. José, quando tinha apenas quatorze annos de idade.

O principal objecto dos seus desvelos litterarios foram as antiguidades, a botanica, e as linguas, nas quaes chegou a ser tão abalizado, que conhecia tão bem a franceza, a ingleza, a allemã, a italiana, a hespanhola, a latina, a grega, e a arabe, como a portugueza, que fallava e escrevia com o apuro proprio d'um homem de letras que era.

O duque de Lafões, que viajava então na Italia, foi encontrar-se em Roma com Luiz Dias Corrêa, com quem travara amizade na universidade de Coimbra. Praticando com Corrêa da Serra, descobriu n'elle tantas disposições litterarias, que pediu e obteve do amigo a permissão de levar consigo o filho n'aquella viagem, que durou quasi um anno, começando entre o duque e José Corrêa uma amizade, cujos laços nunca se quebraram.



Cintra.

Em 1771, Luiz Dias Corrêa, obrigado por negocios particulares, regressou a Portugal, deixando todavia a familia em Italia, onde seu filho, que se destinava á vida ecclesiastica, se ordenou de sacerdote, dizendo a primeira missa em 1775 na basilica da S. Pedro em Roma.

Um anno depois seu pae ordenou-lhe que voltasse para Lisboa, afim de ser empregado.

Tratou logo de partir, não attendendo aos grandes interesses que na Italia lhe faziam, e preferindo o serviço da patria. Mas, não havendo navio que viesse em direitura a Portugal, teve de vir por Hespanha, chegando a Mertola, com a sua familia, em 29 de março de 1777, um mez depois da morte de seu pae, e da queda do Marquez de Pombal, que era quem lhe destinava o emprego de que seu pae lhe fallara.

Continua.

CINTRA.

Publicando hoje o desenho do convento chamado da Cruz, uma das coisas mais notaveis d'este formoso sitio, julgamos, visto que pouco se pode dizer de Cintra por que muito se tem já dito, satisfazer a curiosidade dos leitores, transcrevendo, pedida a devida venia, da «Revista Universal», o seguinte artigo escripto pelo sr. abbade Castro.

«Do convento da invocação da Santa Cruz, de recoletos franciscanos, situado na serra de Cintra, escreveu o abbade Casti, lord Biron, Antonio Carvalho da Costa, Francisco d'Almeida Jordão, e outros.  
«Ao grande D. João de Castro, quarto vice-rei, e heroe da India, e probro, se deve a origem da sua fundação, porque quiz mais lavar templo á sua memoria, que edificar casa á sua posteridade, deixando como em piedosa benção a seu filho D. Alvaro de Castro, que, se na graça ou justiça dos reis achasse alguma gratidão de seus serviços, do premio d'elles edificasse na serra de Cintra um convento de recoletos franciscanos, advertindo que com a invocação da cruz se intitulasse a casa, cujo signal adorava com fervoroso zelo, e profunda inclinação.  
«Fallecido o vice-rei, em Goa aos 6 de junho de 1548, sem poder pôr em pratica o seu desejo, doze annos depois, no de 1560, lhe cumpriu a vontade seu filho D. Alvaro, fundando este moderado e humilde recolhimento, sendo todas as suas officinas obra praticada por meio de cortes e excavações em uma rocha. Tão pobre em seus principios que apenas custou a primeira fabrica com crusados. Da epoca da sua fundação se acha memoria em uma pedra, que está inserida na parede da igreja do lado do evangelho, em a qual se lê a lenda seguinte: «D. Alvaro de Castro do conselho de estado, e vedor da fazenda d'el-rei D. Sebastião, fundou este convento por «mandado do vice-rei D. João de Castro seu pae, anno 1560.»

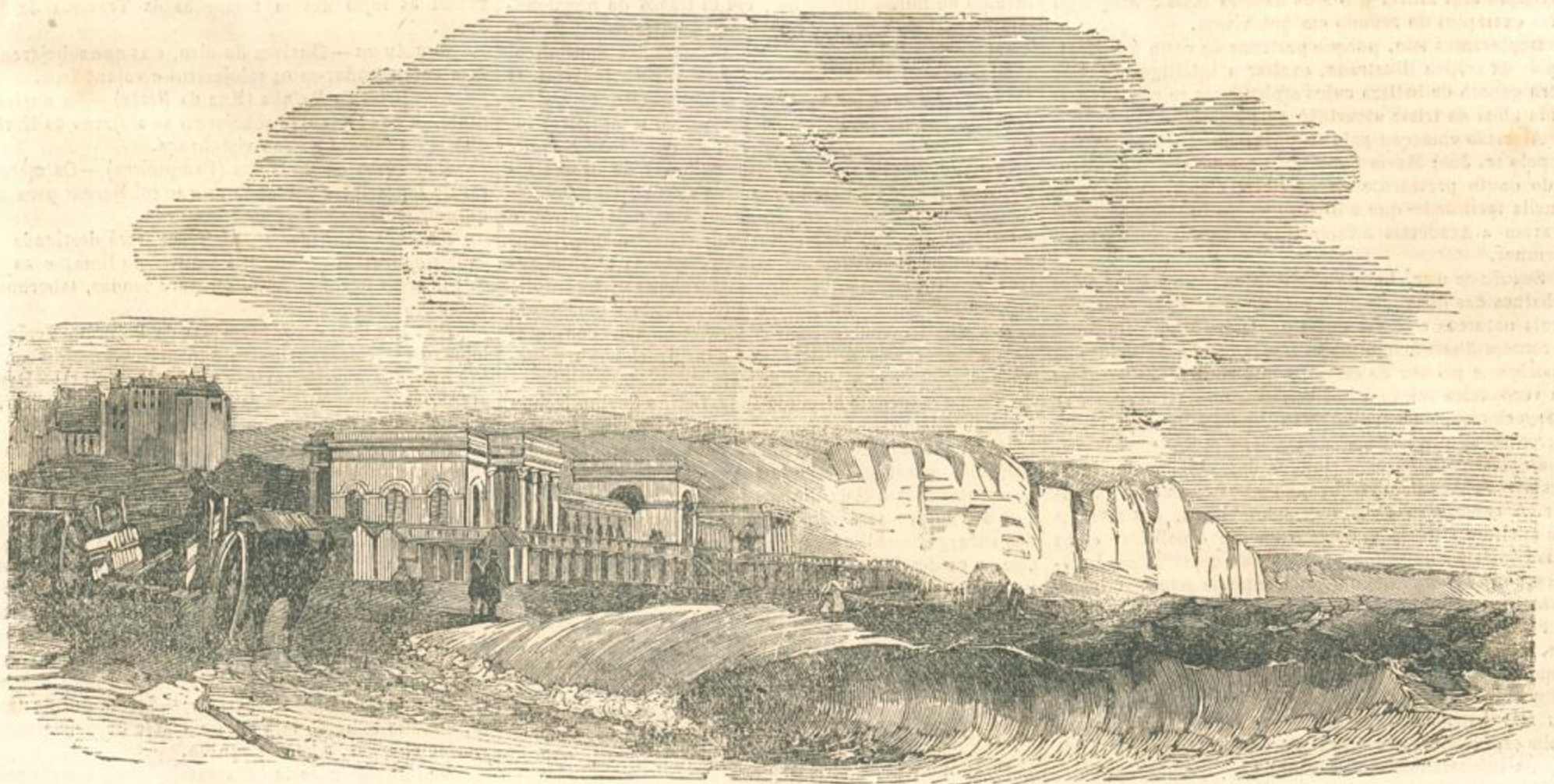
Continua.

APHORISMOS.

A maior parte das revoluções são como as enchentes dos rios, que destroem, e arrasam tudo por onde passam: confundem a agua cristalina com o lodo; e trazem á superficie os corpos ocos e leves: felizes, mas poucas, são aquellas que se assimilham ás enchentes do Nilo, que trazem apoz si a fertilidade, e a abundancia.

Uns tratam de descobrir medicamentos para prolongar a vida, outros de inventar machinas para abreviar: uns estudam para curar, outros para matar; uns honram a virtude pura, outros a gloria sanguinaria: o mundo é um bazar, que encerra muitos doidos.

MORAES DE CARVALHO.



Dieppe.



Calais.



Grande fonte em Sauc-Soucis.

## ESPERANÇAS.

Acorda, Portugal, surge desperto  
Rója em terra, potente, os teus pesares!  
Curva os filhos d'Allah pelo deserto,  
E leva a cruz de Christo além dos mares!

Ai! pobre patria minha já viveste!  
E o mundo folga e ri do teu presente!  
Se phalanges agarenas tu rompestes,  
Acerba dór sem fim te curva a frente.

Turbantes mauritanos são rasgados  
Pela adaga brilhante dos teus filhos;  
Mas seculos a seculos juntados  
Nos abysmos fundiram já teus brilhos!

Levantaes-vos, monarchas portuguezes,  
As campas arrombaes, ide á batalha;  
A nossos peitos dae velhos arnezes,  
Do olvido rasgae ferrea mortalha.

O pavilhão de Christo alevantado  
No throno dos destroços mauritanos  
Foi teu brazão outr'ora; hoje cansado  
Naufregaste n'um mar d'acerbos damnos.

A sombra dos heroes fendendo os ares  
De noite vem bradar-nos — Liberdade! —  
Escravos! — repercutem terra e mares,  
Escravos! — diz tambem funda saudade.

Viste em Cannas tremer soberba Roma  
Dos teus passos de ferro já troando,  
Qual soberbo leão que abate a coma  
Ante o raio fugaz tudo prostrando.

Sceptro sem poder, e terra sem gloria,  
Vassallos sem poder, pendão prostrado,  
É nosso vil presente, e só memoria  
Ficou de tantos sonhos do passado.

Da victoria cantaste a luz brilhante,  
Quebra a loisa, Camões, ouve meus prantos;  
O nosso nada canta em voz possante,  
Oh! dá-nos vida ao menos nos teus cantos.

Porém não, vae nova aurora  
No ceo da patria luzir!  
Cadaver que foi outr'ora  
Vae ante a morte surgir!  
Vae, calcando a sepultura,  
Trajar ferrenha armadura  
Erguer soberbo a cerviz!  
Dos sabios empunha a penna,  
E mil victorias ordena  
Á voz do Mestre d'Aviz!

É novo rei, que de novo  
Vem a patria alevantar!  
Semeia esp'ranças o povo,  
Que o rei faz desabrochar!  
De loiros o cinge a fama,  
Dos heroes a voz o chama,  
É Deus que a patria bem diz!  
E do poeta a voz bem dita,  
E trova santa, infinita,  
Que só verdades prediz.

Se o passado é nobre sonho,  
Não é mais que recordar!  
Que o porvir seja risonho,  
Não vivamos de sonhar!  
Quando as nações adormecem,  
Nunca seus filhos s'esquecem,  
De riscar do somno a lei!  
Portugal, que foi prostrado,  
Hade surgir levantado  
Pela voz do forte rei!

Que não possa nossos loiros  
Mão do tempo emmurchecer!  
E do passado os thesoiros  
De novo possam viver!  
Que valor tem hoje um sceptro-  
Se amanhã vae como espectro,  
Entre as sombras acabar?  
Se não tens eterno brilho,  
D'Herculanum segue o trilho-  
Vae-lhe a campã disputar.

Das nações do velho mundo  
O destino antes soffrer,  
E somno eterno e profundo  
No sepulchro adormecer!  
Venha a sorte de Carthago,  
De sangue se faça um lago.  
Não hade a patria vergar!  
Das nações foste primeira!...  
Naufregou nossa bandeira  
De tantas glorias no mar?

O rico imperio ottomano  
Que a Russia altiva offendeu,  
Ergueu valor mais que humano,  
Não vacillou, nem tremeu;  
A vida quer e a victoria,  
Ou quer a morte com gloria,  
Que mil victorias contém;  
Forças levanta infinitas,  
Defende Allah nas mesquitas,  
As odaliscas no harem!

Por terra se curva a terra  
Ante Roma a combater;  
Que soube na paz, na guerra  
Loiros brilhantes colher!  
Roma leva á immensidade,  
Santa voz de liberdade,  
Que a morrer bradou Catão!  
Cantos soberbos, gigantes,  
Rijas espadas brilhantes,  
Um Virgilio, um Scipião!

Tambem outr'ora soubemos  
Victorias altas cantar;  
Que de Christo a cruz erguemos-  
Nos dominios d'além mar!  
Dobramos frentes dos moiros  
Ao peso dos mil peloiros  
Que ergueram nossos avós!  
Desfralda-se em toda a parte  
O nosso herdado estandarte  
D'esse Deus que era por nós!

Foi tudo ventura outr'ora,  
E o tempo tudo mudou!  
Deixando apenas agora  
Um ecco do que matou!  
Que d'Alcacer nas areias,  
O sangue pára nas veias,  
Surge um somno sepulchral!  
Mas que não bradem ousadas  
As nações ás gargalhadas,  
— És covarde Portugal!

Que uma cadêa infinita  
N'um infinito porvir,  
Nos seja gloria bem dita  
Sem parar nem succumbir!  
Que sempre, sempre os vindoiros-  
Vão lançar virentes loiros  
Da patria sobre o altar!  
Do monarcha á voz ingente  
A patria possa potente  
Novos mundos conquistar.

E depois não hade a morte  
Conculcar nossos tropheos,  
Que a sorte deu-nos por sorte  
Ter a cima apenas — Deus! —  
Sceptros e c'róas juntando,  
Por ti vamos conquistando  
Brilho ao solo portuguez;  
E da gloria a nossa herança,  
Será quanto a mente alcança,  
Quanto ninguém inda fez.

Ingente, guerreira tropa  
Seu nome deixe immortal,  
E entre os brazões da Europa  
Refulja mais Portugal!  
E que nasçam novos poetas,  
Inspirados, quaes prophetas,  
Que as letras possam erguer;  
E da liberdade o hymno  
Seja o cantico divino  
Que nos faça eternos ser.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

Não ha philosophia, que faça abafar os sentimentos  
da natureza.

## ALDA.

Seja-nos licito acudir aqui pelo credito de quem já  
não é dos vivos, nem a elles e á terra pesou muito, por  
que teve mercê de boa indole, e quasi em flor o veiu ceifar  
a morte.

Esta pagina do coração, que hoje damos a ler, é herança  
que havemos d'amigo que a desgraça nos roubou.  
Legou-nol-a sem clausula nem restricção, que, se alguma  
tivera, cá no cofre do peito lhe deramos o melhor e mais  
recondito logar, para que nem fel de maledicos, nem des-  
dem de profanos e indifferentes, a corrompessem. Sa-  
qual a escrevera o que a um tempo era autor e actor no  
drama, singelo nos accidentes, tremendo no exodo, a cu-  
ja representação o nosso espirito vae assistir.

O episodio ALDA, foi monumento levantado á memo-  
ria d'uma paixão, que de um diacono fez um amante, e  
de um amante um cadaver!

Desventurado! amou uma só, e unica vez, um só, e  
unico ser abaixo do Creador, e quando se lhe apontava  
no extremo horizonte o rubro colorido da felicidade;  
quando no mundo havia coração creado para comprehen-  
del-o; a sociedade e suas leis lhe prepararam horrorosa  
tortura do sentimento, e lhe abriram a cova, porque elle  
não soube trahir, nem rebelar-se!

Com suavissimo aroma, ALDA, a sua flor rescendente,  
lhe embalsamou e enfraqueceu os sentidos. A um e outro  
se lhes desataram as prisões da vida. Pensaram; senti-  
ram; viveram pouco, e entre angustias; morreram inconsolaveis!

Felicidade humana! como és chimerica e atrozmente  
impossivel!

Já agora respeitamos a desgraça, que assim feriu des-  
pediosa almas creadas para outra sorte. Paz aos sepulta-  
dos.

Que lição á mocidade cega e irreflectida, que com a  
loucura d'um momento compra a amargura de toda a vi-  
da, e a impenitencia da morte! Por sua escravidão occul-  
ta, e muitas vezes homicida, estados ha, para cuja elei-  
ção nunca é tarde de mais.

Não vejam n'isto ficção, mas uma historia. Muitas tes-  
temunhas d'ella restam ainda para authencal-a.

O titulo meio mysterioso, meio vão, que leva, teve-o  
desde o principio. Já lá vão bons annos que mão tremu-  
la, e quasi gelada pela morte lh'o escrevia entre solu-  
ços!

Aqui ha allusões que, nem por mui intimos, soubemos  
nunca. Hoje só Deus e os dois que as entenderiam  
na vida, e que ainda na gloria se estarão porventura  
amando, poderiam esclarecel-as.

Ahi vae mais uma, augmentar o numero de tantas mil  
memorias dolorosas, que á luz do sentimento e do cora-  
ção fazem do celibato do clero um inconveniente talvez.

Ouçamos o amigo infeliz.

JOSÉ DE TORRES.

I

MOCIDADE, sonho d'ouro, lethargia magnetica que an-  
tecede a vida real das provações e das amarguras, porque  
és tão passageira como brisa em Xaarah?

No primeiro destino que a mente divina reservava ao  
homem devia por sem duvida entrar, entre mil elemen-  
tos de desconhecida felicidade, est'outro de se conservar  
sempre moço, com os risos e alegrias ingenuas, ou com  
a vida vulcanica do coração, ou com as virtudes do des-  
interesse, da abnegação heroica, do sublime esquecimen-  
to de si proprio.

Não ha hymnos que bastem para exaltação condigna  
da mocidade. Quem a desconhece? Quem não paga na vi-  
da tributo de saudosa recordação a essa quadra fugitiva?  
Se lhe são contrarios o fervor e desinvoltura do animo,  
liberalmente a recompensa a candura com que o germen  
de nobres virtudes de si nasce, apparece, e se presta sua-  
vemente a todos os moldes artisticos.

A existencia parece então mar de rosas, em que se  
navega em concha diamantina de Amphytrite. Fadas a  
servem e guiam por entre danças e festas. Cantos inces-  
santes de serêas a embalam docemente, na embriaguez e  
encantamento da vela, que desliza pelas aguas feiticieras.  
Para tudo, e em tudo ha fé então. A alma, enchem-na  
os mais gratos sentimentos, crença e amor. Crê-se nos  
homens pelo que dizem: crê-se na vida pelo que ella se  
nos affigura: crê-se que o paraizo lhe será continuação  
requintada em doçuras. Ama-se a solidão em que o pas-  
saro esvoaça triando ao arrehol matutino; ama-se a bor-  
boleta desinquieta e palpitante, que, com o veludo phan-  
tastico das azas, faz negações acintosas aos resplendores do  
sol: ama-se a flor que a lascivas aspirações abre o calice  
que rescende aromas fecundos; ama-se a mulher como  
idolo; e ao ceo, e aos mais preciosos elementos se vae bus-  
car o colorido divino, aeriforme, com que debuxar na  
tela imaginaria este ideal maravilhoso! Mas... se passa  
o gyro sinistro dos annos?... Cada dia que decorre é flor  
que n'esta corôa de innocencia e poesia desbota e morre.  
Cada anno roubado ao porvir, é como vento tempestuoso  
da razão e do egoismo, que dissipa uma nuvem de espe-  
rança, e esperança das mais bellas!

Edade homicida! Porque vens destruir os doirados so-  
nhos da mocidade? Porque vens exhaurir do coração todo  
o nectar, e enchel-o de venenos subtis, de fel, de prosa



